

NICHOLSON BAKER

Fumaça humana

*O início da Segunda Guerra,
o fim da civilização*

Tradução

Luiz A. de Araújo

Copyright © 2008 by Nicholson Baker
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Human Smoke

Capa
warrakloureiro

Foto de capa
Getty Images

Preparação
Osvaldo Tagliavini Filho

Índice remissivo
Daniel Theodoro

Revisão
Viviane T. Mendes
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baker, Nicholson
Fumaça humana : o início da Segunda Guerra, o fim da civilização / Nicholson Baker ; tradução Luiz A. de Araújo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Human Smoke.
ISBN 978-85-359-1701-7

1. Guerra Mundial, 1939-1945 — Causas 2. Judeus — Perseguição — Europa — História I. Título.

10-05827

CDD-940.531109

Índice para catálogo sistemático:
1. Judeus : Perseguição : Guerra Mundial, 1939-1945 : História 940.531109

[2010]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

ALFRED NOBEL, o fabricante de explosivos, conversava com a amiga baronesa Bertha von Suttner, autora de *Lay Down Your Arms* [Deponham as armas]. Cofundadora do movimento pacifista europeu, ela acabava de participar da Conferência Mundial da Paz em Berna. Era agosto de 1892.

“Talvez as minhas fábricas acabem com a guerra antes dos seus congressos”, disse Nobel. “No dia em que dois exércitos forem capazes de se aniquilar mutuamente em um segundo, é provável que todas as nações civilizadas recuem com horror e desmobilizem suas tropas.”

STEFAN ZWEIG, o jovem escritor de Viena, estava num cinema em Tours, na França, assistindo ao noticiário. Era o verão de 1914.

A imagem do imperador Guilherme II da Alemanha apareceu fugazmente na tela. No mesmo instante, a audiência explodiu num grande alarido. “Todos se puseram a vaiar e assobiar, homens, mulheres e crianças, como se tivessem sido insultados pessoalmente”, escreveu ele. “O povo afável de Tours, que só sabia do mundo e da política pelo que lia nos jornais, enlouqueceu por um instante.”

Zweig ficou assustado. “Tudo durou apenas um segundo, mas um segundo

que me mostrou a facilidade com que as pessoas se enfurecem numa época de crise, em qualquer lugar, apesar de todas as tentativas de compreensão do outro.”

WINSTON CHURCHILL, primeiro lorde do Almirantado da Inglaterra, instituiu o bloqueio naval da Alemanha. “O bloqueio britânico”, escreveu ele posteriormente, “ameaçava toda a Alemanha como se fosse uma fortaleza sitiada e, confessadamente, procurava impor a fome ao conjunto da população — homens, mulheres e crianças, velhos e jovens, feridos e sãos — até que eles cedessem.” Isso em 1914.

STEFAN ZWEIG estava no front oriental, colhendo proclamações de guerra russas para os arquivos austríacos. Era a primavera de 1915.

Ele subiu no vagão de carga de um trem-hospital. “Dei com uma fileira de macas toscas”, escreveu, “todas ocupadas por homens mortalmente pálidos que gemiam, suavam e arfavam na densa atmosfera de excremento e iodofórmio.” Havia vários mortos entre os vivos. Desesperado, o médico lhe pediu que arranjasse água. Não tinha morfina nem ataduras limpas, e eles ainda estavam a 24 horas de Budapeste.

De regresso a Viena, Zweig iniciou uma peça teatral pacifista, *Jeremiah*. E escreveu:

Eu reconheci o inimigo que devia combater: o falso heroísmo que prefere mandar os outros para o sofrimento e a morte, o otimismo barato dos profetas sem consciência política nem militar que, prometendo audaciosamente a vitória, prolongam a guerra, e, atrás deles, o vendido coro de “apregoadores da guerra”, como os chamou Werfel, com reprovação, em seu belo poema.

JEANNETTE RANKIN, de Montana, a primeira mulher eleita deputada, votou contra a declaração de guerra à Alemanha. Foi no dia 6 abril de 1917.

“Eu me debrucei na balastrada da galeria e a observei”, disse sua amiga Harriet Laidlaw, do Woman Suffrage Party [Partido do Sufrágio Feminino]. “Ela estava sob a mais terrível pressão.” Quase todas as suas companheiras sufragistas, inclusive Laidlaw, queriam que ela votasse pelo sim.

Fez-se silêncio quando a chamaram. “Eu quero ser leal ao meu país”, disse Rankin. “Mas não posso votar a favor da guerra. Voto pelo não.” Outros cinquenta membros da Câmara acompanharam seu voto; 374 preferiram o sim. “Eu senti”, disse ela depois, “que, na primeira vez em que uma mulher tivesse oportunidade de dizer não à guerra, o seu dever era fazê-lo.”

Um jornal de seu estado, o *Independent* de Helena, chamou-a de “otária do Kaiser, membro de um exército huno nos Estados Unidos e uma normalista chorona”.

HARRY EMERSON FOSDICK, um jovem pregador pró-guerra, escreveu um pequeno livro publicado pela Associação Cristã de Moços.

A guerra já não é galantaria nem paradas, disse:

Agora a guerra é jogar bombas de aviões e matar mulheres e crianças ainda em suas camas; é atirar, por ordem telefônica, em lugares invisíveis, a quilômetros de distância, e massacrar homens invisíveis. A guerra são homens sem mandíbula, sem olhos, sem pernas, sem mente.

O reverendo Fosdick terminou o livro com uma exortação ao alistamento: “O seu país precisa de *você*”, dizia. Isso em novembro de 1917.

MEYER LONDON, um socialista na Câmara dos Deputados, votou contra a segunda declaração de guerra do presidente Wilson à Áustria-Hungria. Foi no dia 7 de dezembro de 1917.

“Em termos de guerra, eu sou totalmente abstêmio”, disse London num discurso de quinze minutos. “Recuso-me a tomar a primeira dose intoxicante.”

O deputado Walter Chandler foi até o lugar em que London se achava e se postou diante dele para replicar. “Dizem que, se o senhor analisar o sangue de um judeu no microscópio, encontrará o Talmude e a Antiga Bíblia flutuando em algumas partículas”, discursou o congressista Chandler. “Se o senhor analisar o sangue de um germano ou teutônico representativo, encontrará metralhadoras e partículas de granadas e bombas boiando.”

Segundo Chandler, a única coisa que se podia fazer com os alemães era “combatê-los até os destruir a todos”.

ELEANOR ROOSEVELT e o marido, Franklin D., secretário adjunto da Marinha, foram convidados a uma festa em homenagem ao financista Bernard Baruch. “Eu tive de ir à festa de Harris, embora preferisse a força a ser vista lá”, escreveu Eleanor à sogra. “Praticamente só judeus.” Foi em 14 de janeiro de 1918.

UM OFICIAL ALEMÃO CAPTURADO conversava com um repórter do *New York Times* no dia 3 de novembro de 1918. O governo alemão havia solicitado o armistício.

O militar afirmou que seu Exército não havia sido vencido e devia dar prosseguimento à guerra. “O imperador está cercado de gente que sente e fala em derrota”, disse. Mencionou homens como o líder socialista Philipp Scheidemann.

Novos tanques estavam chegando, observou o alemão, e era de se esperar uma guerra entre os Estados Unidos e o Japão. “Com toda certeza, o Japão e os Estados Unidos colidirão um dia, e nós abasteceremos os dois lados de quantidades enormes de material e munição.” A cessão da Polônia e da Alsácia-Lorena, acreditava ele, causaria agitação social, a ruína da indústria alemã e o empobrecimento da classe operária. “Os nossos inimigos terão o que sempre desejaram: o aniquilamento total da Alemanha. Essa seria a paz de Scheidemann.”

WINSTON CHURCHILL, então secretário de Estado da Guerra e da Aeronáutica, tomou a palavra no Parlamento para exaltar o sucesso do bloqueio naval. Isso em 3 de março de 1919, quatro meses depois da assinatura do armistício que pôs fim à Grande Guerra.

“Estamos impondo o bloqueio com rigor”, disse. “À nação britânica é repugnante usar essa arma de fome que atinge principalmente as mulheres, as crianças, os velhos, os fracos e os pobres; porém, uma vez cessadas todas as hostilidades, é necessário um momento maior para assegurar os termos justos pelos quais lutamos.” A fome e a desnutrição, observou o secretário, haviam

levado a vida nacional e o Estado alemães à beira do colapso. “Agora, portanto, é hora de consolidar.”

WINSTON CHURCHILL publicou um artigo no dia 8 de fevereiro de 1920. Ele tinha agora outro inimigo. Seu inimigo não era mais a Alemanha, e sim o “sinistro conluio” da judiaria internacional.

“Esse movimento judaico não é novo”, disse. Tratava-se de uma “conspiração mundial para derrocar a civilização e reconstituir a sociedade na base do desenvolvimento contido, da malevolência invejosa e do igualitarismo impossível”. Citou Marx, Trótski, Bela Kun, Rosa Luxemburgo e Emma Goldman entre os malfeitores. Segundo ele, a conspiração havia sido “a mola mestra de todos os movimentos subversivos do século XIX”. Tivera papel importante na Revolução Francesa. Todos os judeus leais, aconselhou, deveriam “vindicar a honra do nome judeu”, rejeitando o bolchevismo internacional.

AYLMER HALDANE, comandante das forças britânicas no Iraque, telegrafou a Winston Churchill pedindo mais tropas e aviões. Isso em 26 de agosto de 1920.

“O *jihad* vem sendo pregado com exaltado fervor pelos numerosos emissários das cidades sagradas de Najaf e Karbala”, dizia. Churchill, então secretário de Estado da Guerra e da Aeronáutica, enviou-lhe um bilhete encorajador: “O Gabinete decidiu que é preciso sufocar efetivamente a rebelião, e eu vou me empenhar em atender a todas as suas exigências”.

Vários dias depois, Churchill escreveu um ofício a Hugh “Boom” Trenchard, comandante da Royal Air Force. Os dois estavam desenvolvendo a ideia de policiar o império britânico por ar, poupando o custo das tropas terrestres — política essa que ficou conhecida como “controle aéreo”.

“Acho que o senhor certamente deve proceder ao trabalho experimental com as bombas de gás, especialmente gás mostarda, que infligirá castigo aos nativos recalcitrantes sem lhes causar ferimentos graves.” Churchill era perito nos efeitos do gás mostarda: sabia que este podia cegar ou matar, principalmente crianças e bebês. Ele observara num memorando anterior que o gás espalhava “um terror intenso”. E não compreendia as resistências ao seu emprego: “Sou decididamente favorável ao uso do gás venenoso contra as tribos

incivilizadas”. A maioria dos gaseados não sofreria “graves efeitos permanentes”, disse.

OS HOMENS DE HALDANE bombardearam e metralharam as tribos rebeldes, atacaram-nas com granadas de gás, incendiaram aldeias e consertaram a ferrovia. Oficialmente, as baixas do lado britânico foram 47 oficiais e soldados ingleses e 250 gurkhas indianos. “É impossível determinar com precisão as baixas árabes”, escreveu Haldane, “mas foram estimadas em 8450 mortos e feridos.” Ele também opinou sobre como punir uma aldeia. “Devem-se incumbir grupos separados de incendiar as casas, arrancar e queimar o grão e o *bhoosa*, saquear etc.,” recomendou. “Incendiar uma aldeia leva uma hora ou mais, dependendo do tamanho e da hora em que os grupos incendiários entrarem.”

Churchill mandou um telegrama de congratulações a Haldane: “Nesses meses difíceis, sua paciência e firmeza foram de grande valor, e eu lhe dou os parabéns pela melhora sensível da situação operada pelo senhor”. Era o dia 18 de outubro de 1920.

J. A. CHAMIER, comandante de voo da Royal Air Force, publicou suas opiniões sobre a melhor maneira de lidar com as rebeliões tribais.

O oficial no comando devia escolher a aldeia mais inacessível da tribo mais importante, dizia Chamier, e atacá-la com toda a força aérea disponível. “O ataque com bombas e metralhadoras deve ser implacável e ininterrupto, perpetrado continuamente, dia e noite, contra casas, habitantes, plantações e o gado”, escreveu. “Parece brutal, eu sei, mas acontece que tem de ser brutal. No futuro, a mera ameaça mostrar-se-á eficaz se a lição for adequadamente aprendida.” Corria o ano de 1921.

FRANKLIN ROOSEVELT, então advogado em Nova York, notou que os judeus constituíam um terço dos calouros de Harvard. Depois de discutir o problema com Henry Morgenthau, Sr., ele se reuniu com o Conselho de Supervisores, do qual era membro. “Decidiu-se”, explicou posteriormente, “que, num período de

anos, o número de judeus deve ser reduzido em 1% ou 2% ao ano até chegar a 15%.” Isso por volta de 1922.

MOHANDAS K. GANDHI foi preso por sedição. Escrevera um artigo que começava assim: “Como pode haver compromisso enquanto o Leão Britânico continuar a agitar diante de nosso rosto as garras de sua glória?”. Era 10 de março de 1922.

Naquele domingo, John Haynes Holmes, um pregador pacifista, fez um sermão no Lyric Theater de Nova York. “Gandhi está treinando 300 milhões de indianos para lutarem pela liberdade”, disse, “para se livrarem do jugo britânico mediante a não violência, e o está fazendo com um grau de sucesso que abala o alicerce do império. Em breve, ele salvará a Índia e, com isso, talvez a humanidade.”

Gandhi declarou em seu julgamento: “Eu estou empenhado em mostrar aos meus patrícios que a não cooperação violenta só serve para multiplicar o mal e que o mal só pode ser mantido pela violência. A retirada do apoio ao mal exige a abstenção total da violência”. Disse ainda ao tribunal que se submeteria alegremente à pena mais grave pelo seu crime.

Foi condenado a seis anos de reclusão.

LORD HUGH CECIL, representante de Oxford no Parlamento, tomou a palavra para dizer que a Royal Air Force era desnecessariamente grande e deveria ser menor. Foi no dia 21 de março de 1922.

Winston Churchill, secretário de Estado da Guerra, secretário de Estado da Aeronáutica e secretário de Estado das Colônias, replicou que a Royal Air Force precisava continuar grande. Lembrou o fim da Grande Guerra, quando os aviões britânicos estavam prestes a realizar operações ousadas. “Se a guerra tivesse durado mais alguns meses ou, talvez, mais algumas semanas”, disse, “teria havido operações, a partir deste litoral, contra Berlim e o centro da Alemanha, e essas operações cresceriam em magnitude e consequência se a campanha se prolongasse por todo o ano de 1919.” Mas tais operações não ocorreram. Interveio a paz, “já que ficamos sem alemães e inimigos antes que os experimentos terminassem”.

Churchill prosseguiu com uma previsão: “Numa guerra aérea, a melhor forma de defesa será, sem dúvida, o ataque”.

STEFAN ZWEIG estava de férias em Westerland, na ilha de Sylt, no mar do Norte. Leu no jornal que seu amigo Walter Rathenau, ministro de Relações Exteriores da Alemanha, um judeu, tinha sido assassinado. Isso em 24 de junho de 1922.

O valor do marco alemão caiu vertiginosamente. “Agora começou o verdadeiro sabá da bruxa da inflação”, escreveu. Consertar uma janela quebrada custava mais caro do que construir uma casa inteira antes da inflação; um único livro, mais caro do que toda uma tipografia de cem prelos. “Os desempregados andavam por aí, sacudindo os punhos para os especuladores e estrangeiros em seus carros de luxo, que compravam fileiras de ruas como se fossem uma caixa de fósforos”, prosseguiu. “Acima de todos eles, alteava-se o superespeculador Stinnes.”

Com o colapso dos valores, disse Zweig, Berlim transformou-se numa babilônia: “Qualquer colegial queria ganhar uns trocados e, nos bares mal iluminados, viam-se altos funcionários e homens do mundo financeiro cortejarem docemente marinheiros bêbados, sem o menor pudor”.

As reações autoritárias grassavam em meio ao caos, observou ele. Os homens “aderiam prontamente a qualquer slogan que promettesse ordem”.

BOOM TRENCHARD, comandante da Royal Air Force, estava discutindo com seus subordinados. Tratava-se de saber se era melhor ter muitos aviões de combate para repelir o inimigo ou muitos bombardeiros para bombardeá-lo em seu próprio território. Trenchard disse que era como num jogo de futebol. Não se podia apenas defender o próprio gol; era preciso ir para o campo do adversário. A nação que aguentasse mais tempo o bombardeio acabaria vencendo. E, em sua opinião, “os franceses, num duelo de bombardeios, provavelmente começariam a chorar antes de nós”. Isso foi em 9 de julho de 1923.

O *DAILY MAIL*, um jornal conservador londrino, publicou, em 25 de outubro de 1924, uma carta forjada.